



Fotografias que revelam as faces identitárias da imigração¹

Denise Teresinha da Silva²
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

A imagem fotográfica revela o cenário de um mundo formado por uma multiplicidade de olhares. Ela reforça a manutenção dos vínculos sociais, culturais e afetivos, e, com isso, permite analisar diversas configurações resultantes das relações dos indivíduos na sociedade. O trabalho aqui apresentado resulta de um dos eixos da tese de doutorado “Fotografias que revelam imagens da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias”³. Através da experiência empírica, serão analisadas as aproximações dos conceitos do sujeito imigrante enquanto cidadão, nacional e estrangeiro que apareceram tanto na fala quanto nas fotografias de mulheres brasileiras que vivem em Barcelona, uma imigração que chamamos de contemporânea, e de mulheres descendentes de uma imigração denominada histórica, a alemã e a italiana no Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; imigração; cidadania; nacionalidade; identidades.

Fotografia e imigração

A fotografia é um dispositivo capaz de comunicar concepções sobre o mundo e as mudanças que elas sofreram, permitindo estabelecer paralelos entre as construções que são feitas sobre o passado no presente com o auxílio da memória. Enquanto dispositivo midiático, ela registra rupturas e continuidades vivenciadas pelos sujeitos num determinado tempo e espaço, possibilitando a publicização de suas experiências num momento diferente da sua criação. Com isso, observamos que às fotos podem ser atribuídos sentidos de rememoração mais eficientes do que às imagens em movimento, já dizia Sontag. Elas são uma nítida fatia do tempo e não um fluxo no qual cada imagem cancela a precedente. São como momentos privilegiados que podem ser guardados, manuseados e olhados outras vezes. Isso faz com que se insira facilmente na cotidianidade. Assim, é possível concordar com a autora quando afirma que além de rito social, proteção contra a ansiedade, a fotografia pode ser vista como um instrumento de poder. Ela “tornou-se um dos principais expedientes para experimentar alguma coisa, para dar uma aparência de participação” (SONTAG, 2004, p. 21), uma vez que permite a dupla função de um sujeito que é ao mesmo tempo produtor e receptor. Isso pode ser visto como uma forma de rebeldia, de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Diretora da Universidade Federal do Pampa – Unipampa, Campus São Borja, Professora Adjunta do Curso de Publicidade e Propaganda, e-mail: denisesilva@unipampa.edu.br.

³ SILVA, Denise T. da. *Fotografias que revelam imagens da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias*. Tese de doutorado (2008). PPG Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.



subversão ao poder dos grandes meios de determinar o que deve constituir um evento, de decidir o que deve e o que não deve ser registrado, de ocultar mais do que revelar, uma vez que a fotografia municia o indivíduo de ferramentas que o permitem eleger o que ele considera digno de ser registrado, como um processo de produção eclipsado pelo seu uso. Decisão essa configurada a partir da *práxis* comunicativa, das relações cotidianas, da sociabilidade que, como afirma Martín-Barbero, é lugar de interpelação e constituição dos atores sociais e de suas relações com o poder (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 17). Nesse lugar são forjadas as identidades como uma forma de resistência que subverte as modalidades de poder, no sentido foucaultiano de uma matriz geral de relações de força, num tempo e sociedade específicos.

Nessa negociação para uma nova forma de produção, a fotografia possibilita que cada família construa uma crônica visual de si mesma ao produzir suas próprias imagens, como diz Sontag. Imagens essas que devem ser vistas pelos outros no futuro como testemunho de suas experiências. Por isso, pessoas despojadas de seu passado, como os/as imigrantes nesse estudo, parecem se converter em veementes tiradores de fotos, tanto em seu país como no exterior, pois a foto lhes permite tanto tomar posse do passado quanto de um espaço em que se sentem inseguras por não ser familiar (SONTAG, 2004, p. 19). Esse é o elo de ligação que conecta a fotografia à imigração. Ela ajuda os indivíduos a se reconhecerem como pertencentes a uma determinada cultura, que, mesmo longe, legitima a criação de regras de conduta e valores éticos e estéticos. São sujeitos portadores de experiências culturais que selecionam momentos específicos para serem registrados, configurando memórias individuais e coletivas.

No que se refere ao papel dos processos comunicativos no mundo contemporâneo, Grimson afirma que os meios massivos são fábricas de incertezas, uma vez que cumprem o papel de publicar os acontecimentos, embora esse ato de publicar não significa por em comum, tornar público e compreensível por parte dos/as receptores/as (GRIMSON, 2007, p. 2). Já as fotografias pessoais geram uma segurança no momento em que põem em comum acontecimentos marcados pela experiência vivenciada pelas pessoas no seu cotidiano. São produzidas para isso e por isso são muito utilizadas pela grande mídia para infundir essa certeza.

García Canclini lembra que não se pode esquecer que o indivíduo que produz as fotos, não está isolado da sociedade, mas está submetido às convenções do grupo social que escolhe como deseja construir sua representação da realidade. Sendo assim, o grupo elege como motivo a ser fotografado aquilo que considera digno de ser solenizado (GARCÍA



CANCLINI, 1985, p. 07), de ser publicizado, de tornar público seus assuntos privados, como também de escolher a forma como as outras pessoas deverão vê-lo na imagem, confirmando a proposição de Arendt de que é necessário que as coisas sejam visibilizadas para atestarem que de fato existiram, a aparência constitui a realidade (ARENDR, 1997, p. 59), característica essa fundamental na configuração da esfera do mediático. Em suma, apareço, logo existo.

A fotografia parece fornecer à pessoa que a observa informações para perceber e compreender o mundo de forma supostamente clara e inequívoca. Isso é próprio e esperado desse meio. Entretanto, existe a certeza de que a imagem fotográfica apreendida traz consigo toda a sua história. Ela atravessa o tempo para servir de referência para a vida no presente. Não chega incólume, mas sobrevive por causa das imagens que vão sendo construídas e reconstruídas nas narrativas sobre ela, que por sua vez se alimentam de outras imagens, de modo que o que surge muitas vezes é a representação da construção do que ela foi de fato.

A fotografia enquanto palimpsesto da memória permite a reconstrução histórica da imigração. Ela é um exemplo da projeção ou transferência da memória de antepassados/as. Memória seletiva, constituidora de identidades, que se articulou em função do que aconteceu, do que foi contado, do que foi interpretado e do que foi assimilado quer de forma individual quer coletivamente. Por isso que partir da família de imigrantes para entender as práticas migratórias requer partir não de uma identidade já constituída, mas entender a forma como as identidades são apresentadas num cenário de reconhecimento e negociação com os outros sujeitos.

Podemos perceber que cada imigrante carrega consigo a sua história. As lembranças se fortificam quando a memória é constantemente atualizada nas narrativas coletivas. A rememoração social se torna um dos principais elementos para a construção de uma memória coletiva, transmitindo de geração em geração os valores de uma comunidade. A história de cada um desses indivíduos que chegam de um outro lugar integra uma rede de vivências, representações sociais e formas de pensar que são compartilhadas e que, por isso, contribuem para a formação de uma visão de mundo específica de uma determinada época. Além disso, as transformações socioculturais ocorridas no processo de integração de imigrantes com a nova terra instituem novos modelos de comportamentos que mesclam e adaptam características trazidas de seu local de origem como herança cultural aos costumes do lugar onde vivem, uma espécie de reinvenção das tradições (HOBSBAWM, 1984, p. 10).



Imagens que revelam (ou desvelam) o debate sobre identidade nacional

O conceito de identidade, pensado a luz das relações interculturais, implica na construção de sentido no processo de individuação de posições ocupadas pelas pessoas no exercício de seus papéis sociais. A diferença fundamental entre identidade e papel social está no fato de como o *eu* se vê e de como a sociedade vê o *eu*. O papel social, ou seja, o modelo ou as normas de comportamento ligados à determinada posição ou status na estrutura social, é determinado através das expectativas das outras pessoas e com funções definidas dentro de um dado sistema social. Embora essas expectativas possam ser contraditórias e causar o que o Burke chama de uma tensão do papel – conflito ou atrito entre papéis (BURKE, 2002. p. 73), essa noção, parece ser muito estática no que se refere a um sujeito ativo em uma sociedade. Já identidade, ainda que muito complexo, é mais dinâmico e não representa o que o outro espera do *eu*, mas como o *eu* assume sua posição no mundo no qual também estão os outros.

As identidades culturais se tornam fundamentais para o sujeito como fonte de significação e reconhecimento na sociedade, mas também de discriminação. Hall diz que as culturas nacionais se transformam em uma das principais fontes de identidade cultural (HALL, 1999, p. 47). Castells defende a etnia como fonte de significado e identidade a ser integrada com princípios mais abrangentes de autodefinição cultural – religião, nação ou gênero (CASTELLS, 2001, p. 72).

A questão cultural, principalmente no que se refere à nação e à etnia, traz consigo um ponto muito importante a ser pensado, que é a noção de pertencimento identitário, fundamental dentro desse contexto intercultural para que se possa entender a complexidade que envolve o significado do sentir-se imigrante. O conceito de identidade nacional como “comunidades imaginadas” (surgidas pelo declínio da religião e pelo surgimento de línguas vernáculas, no qual a imprensa deu sua contribuição) trabalhado por Anderson de quem Hall também se refere, permite-nos visualizar o fato de que as identidades são construídas simbolicamente. A nação é imaginada como comunidade política limitada e soberana porque é sempre concebida por um profundo companheirismo horizontal, por isso a identidade nacional é independente desse conceito, pois como é praticamente impossível conhecer todas as pessoas que compartilham dessa identidade deve-se ter uma idéia comum sobre o que a constitui, uma imagem de comunhão, diz Anderson. O autor também afirma que as comunidades devem ser distinguidas pelo estilo em que são imaginadas. Por isso, a importância dada ao passado, já que ele liga as pessoas umas com as outras através da família e dos seus antepassados que constituem vínculos imaginados pelo parentesco e pela



dependência. Com isso, pode-se dizer que a criação cultural e a imaginação de cada comunidade resulta na concepção de identidade nacional (ANDERSON, 1989, p. 14-15). Em suma, como diz Hall, uma nação é uma comunidade simbólica, formada e transformada no interior da representação (HALL, 1999, p. 48-49).

No momento em que Anderson sugere que o nacionalismo é resultado de um processo de autoconsciência de uma coletividade, ele sublinha a necessidade de se reconhecer a dimensão imaginada do sentimento de pertencer a uma nação, que, por sua vez, é alimentada pela facilidade do alcance às informações, que são reconhecidas e legitimadas por leitores/as como um denominador comum, embora sejam estranhos uns aos outros (ANDERSON, 1989, p. 24). São comunidades que mantêm um sistema de relações simbólicas sustentadas por um imaginário coletivo instituído.

“As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 1999, p. 51).

Por esses motivos, a ligação entre o local de nascimento e o local de moradia permanece constantemente sendo atualizado no cotidiano da imigração histórica. A memória coletiva se perpetua por meio da ressemantização da cultura alemã e italiana, com as comemorações nas cidades serranas gaúchas (Festa da Uva, Oktoberfest) e com as festas de rememoração das famílias descendentes de imigrantes que localizam em todo o país os mais remotos parentes pelo sobrenome europeu para a realização de um encontro familiar, através da divulgação nos grandes meios de fotos da família, bem como a busca pela nacionalidade européia, para poder viver na Europa, ou seja, a geração atual faz o caminho inverso de seus antecedentes. A viagem tão sonhada ao país de onde regressou ou onde nasceu seus/suas antepassados/as é algo que marca a vida dessas pessoas, muitas vezes de forma diferente da esperada. Como uma imigrante alemã que foi entrevistada (Hartmann, nascida na Alemanha, São Leopoldo-RS), que depois de muitos anos, ao voltar para a Alemanha para uma visita foi recebida como uma estrangeira, ou mesmo a italiana (Bianucci, descendente de italianos, Caxias do Sul-RS) que conta que quando um parente seu foi à Itália e resolveu procurar alguém da família para saber como estavam, foi recebido com muita desconfiança, com perguntas sobre seus bens e com afirmações “não temos nada aqui”.

Sujeito imigrante: cidadão, nacional ou estrangeiro?

Apesar de podermos observar uma aproximação entre os conceitos de cidadania e nacionalidade, eles são distintos, uma vez que nacionalidade está ligada à idéia de vínculo



jurídico, de ligação ao território de um Estado pelo nascimento ou naturalização, e cidadania se refere ao vínculo político, à participação efetiva do sujeito na vida social e na vida do Estado, com direitos e deveres constitucionalmente assegurados. Encontramos em muitos trabalhos que o termo nacionalidade possui dois sentidos, um jurídico e outro sociológico. O primeiro na forma legal e de direito de um indivíduo enquanto membro de um Estado. O segundo, que se aproxima do contexto aqui estudado, encontra-se associado à nação, à ligação de uma pessoa com outras seja pelo idioma, cultura, tradição, religião ou raça.

Os movimentos migratórios contribuem para exemplificar o conceito sociológico de nacionalidade. Eles fazem surgir novas regiões de fronteira, diásporas e comunidades transnacionais, além das redes de migrantes. A transnacionalização dissolve o espaço geográfico do social e do cultural, uma vez que os migrantes continuam mantendo relações com seu local de origem, o que leva a uma transformação dos vínculos nacionalistas e ao surgimento de novas formas de identidade que resultam das interações entre sujeitos. Nesse caso, a comunicação é fundamental na formação de sentido e valores da vida cotidiana, principalmente para entender a nova dinâmica simbólico-cultural que contribui na moldagem das territorialidades emergentes, que, conforme Haesbaert, possuem o mesmo grau de importância que os processos econômico-políticos de desterritorialização (HAESBAERT, 2002, p. 31). Para Cogo, essas dinâmicas multiculturais podem ser compreendidas em grande parte como uma intensificação dos processos migratórios intra e extracomunitários, que por sua vez são acelerados pela globalização da economia e incremento das novas tecnologias da comunicação (COGO, 2002, p. 3).

Desde o final desse século, vive-se um novo fenômeno migratório que é transcontinental, com a formação de um novo sentimento de pertencimento identitário construído a partir de negociações permanentes entre o local de origem e o de moradia, sempre tendo em vista o caráter mais ou menos transitório das migrações, especialmente as contemporâneas. Para Sayad, o conceito de imigrante é entendido essencialmente como uma força de trabalho, mas provisória, temporária, transitória (SAYAD, 1998, p. 54-57).

Apesar dessa visão do autor ser direcionada para uma linha mais economicista, é possível encontrar essa forma de pensar na fala de imigrantes brasileiras na Espanha. O sentido de imigração para as entrevistadas é marcado por esse período de transição, pois acreditam que imigrante é aquela pessoa que escolhe um outro lugar para morar, que não o seu de origem, para lutar, conseguir dinheiro e um dia retornar ao lugar de onde veio a fim de viver feliz e bem confortável financeiramente com a sua família na sua terra.



“Imigração é tu sair do país onde tu vive, e ir para outro país e ter uma vida onde tu trabalha e tem uma casa aqui como se tivesse no teu país.” (Marisa-RS, brasileira em Barcelona)

“Eu acho que ser imigrante é uma pessoa que vai pra outro país pra ganhar a vida, e o seu único interesse é trabalhar pra juntar dinheiro, juntar dinheiro e voltar pro seu país de origem. (...) Ele já sai pensando em voltar.” (Edite-SP, brasileira em Barcelona)

No entanto, surge uma ressalva nesse conceito no relato de uma das entrevistadas. Ela afirma que aquelas pessoas que mudaram de país e formaram família, criaram vínculos, integrando-se na sociedade, não são mais imigrantes. Foram na ocasião em que saíram de sua terra e trabalhavam sem perspectivas de uma vida futura no país escolhido, mas a partir do momento que adotaram o novo lugar como seu, reconstruindo sua vida e criando novos laços, não podem mais ser consideradas como imigrantes.

A noção de sujeito imigrante e a de sujeito estrangeiro proposta por Simmel, apesar de não avaliar aspectos sócio-culturais e simbólicos, estabelece um contraponto interessante sob o ponto de vista jurídico e econômico que propõe essa entrevistada. O conceito de imigrante se fundamenta por um critério geográfico de mudança territorial, já o de estrangeiro, mais próximo do critério jurídico, é aquele que tem uma nacionalidade diferente daquela do país em que reside, que pode ou não ter imigrado. Está ligado ao conceito de nacionalidade. O estrangeiro, segundo Simmel, está próximo e ao mesmo tempo distante, mas aos poucos vai criando raízes. Ele não possuiria nenhum tipo de compromisso objetivo com a realidade que o cerca, experimentando uma espécie de liberdade excessiva característica de uma sociedade moderna que se desliga dos laços morais, sendo flexível a grupos de seu interesse. Sua posição no grupo social é caracterizada pela sua visão de fora, o que o permitiria tomar uma decisão mais objetiva. Entretanto, essa objetividade do estrangeiro se deve ao fato dele não estar ligado organicamente por laços de parentesco, localidade e ocupação, diferentemente do que ocorre com uma entrevistada natural de São Paulo que atribui seu sentimento de pertencimento justamente ao fato de conseguir estabelecer um vínculo com a família de seu marido espanhol, laço tão importante quanto ao que tem com sua família no Brasil. Mas, o autor deixa claro que as oposições também fazem parte desse conceito, pois a objetividade do estrangeiro não compreende somente passividade e afastamento, sua estrutura particular é composta de distância e proximidade, indiferença e envolvimento. Enfim, de um tipo específico e positivo de participação (SIMMEL, 1983, p. 185).

Uma gaúcha que vive há três anos na Espanha afirma que pretende voltar ao Brasil pela falta de trabalho na sua área (fisioterapia). Ela morou na Espanha em um momento de



sua vida com motivos definidos de estudo e trabalho. Trabalhou em algumas clínicas substituindo as pessoas que estavam de férias, agora, é fiscal em um supermercado. Sayad afirma que a permanência do imigrante está diretamente ligada ao trabalho, se ele acaba, termina também o motivo de se estar nesse outro país, já que ser imigrante e desempregado é um paradoxo (SAYAD, 1998, p. 54-57).

“Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. (...) Deslocado (...) ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo (...) apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incômoda cria. Incômodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade.” (BOURDIEU, 1998, p. 11-12)

Esse *phatos* de vida dupla relacionado à imigração (uma parte da pessoa está no seu lugar de origem com seus/as amigos/as e familiares que ficaram e outra está no local que escolheu para viver, com seus/as novos/as amigos/as e até outra família) é recorrente na fala da maioria das entrevistadas.

“A metade do coração está no Brasil e a outra metade está aqui.” (Edite-SP, brasileira em Barcelona)

“Aqui é difícil. Quando ta no Brasil, quer passear, liga pra não sei quem. Tem muitos amigos. Aqui também é bom, mas tem muitos pontos a considerar.” (Karen-CE, brasileira em Barcelona)

Esse incômodo de ser ou não ser totalmente uma pessoa estrangeira existe na vida de Hartmann (nascida na Alemanha, São Leopoldo-RS). Desde sua chegada ao Brasil, ela procurou estabelecer uma certa comunidade cultural fechada com outras pessoas que vieram da Alemanha, mantendo costumes e práticas sociais diferentes daquelas de fora dessa comunidade por força da dedicação ao convívio familiar e doméstico, mesmo no período da ditadura em que sofreu com a proibição do uso do idioma pelo governo brasileiro, já que somente deveria permanecer no Brasil por seis anos, passando por um processo conflituoso da disjunção entre os princípios fundantes dos conceitos de cidadania e nacionalidade.

“Na tradição brasileira, a cidadania é pensada basicamente como uma questão ligada ao território, o que no jargão jurídico é denominado *jus soli*, isto é brasileiro é todo aquele que nasce em solo brasileiro. Inversamente, na tradição alemã domina o *jus sanguinis*, o que significa que se considera “alemão” todo aquele que possui “sangue alemão”, independente do solo em que tenha nascido. Nesse caso, admite-se que uma pessoa pode, juridicamente, ser cidadão de um outro estado que não à Alemanha, mas continuar pertencendo à abstração “povo alemão”.” (GERTZ, 1994, p. 30)

Os sentimentos das pessoas que moraram em outro lugar com relação à volta ao seu



lugar de origem implicam em uma dupla contradição, diz Sayad, ou seja, é um estado provisório que se prolonga indefinidamente ou um estado mais duradouro que vive com um sentimento de provisoriedade. Com base nisso, o autor diz que a situação do imigrante se caracteriza por uma dupla interpretação, ele leva em conta o seu caráter eminentemente transitório para não confessar a si mesmo essa forma quase definitiva pela qual a imigração se reveste; ou incorpora a definição oficial do estado de imigrante como condição temporária, insistindo no uso dessa condição de imigrante mesmo após anos de vivência no país de acolhida (SAYAD, 1998, p. 45). Convém também lembrar que o fato de pertencer a uma nação, afirma Bhaba, significa preencher o vazio legado do desenraizamento de comunidades e parentes (BHABHA, 1998, p. 199), tornando-se uma forma limiar de representação social, cujo espaço é marcado internamente pela diferença cultural e, entre outros fatores, por culturas locais em tensão.

Esse pertencimento a uma comunidade imaginada é muito presente entre os/as descendentes de imigrantes do RS, assim como na grande mídia, uma vez que ela serve de suporte para essas referências de identificação e pertencimento que unificam o individual em coletivo. Essas pessoas referidas como descendentes de segunda geração, terceira, quarta e até mesmo quinta, como se quisessem manter a nacionalidade européia, mesmo não sendo reconhecida pela terra natal de seus/suas antepassados/as. Essa organização de pessoas em comunidades imaginadas, que reformulam suas identidades nas relações com o poder e com as outras pessoas nas esferas pública e privada, configura uma experiência transnacional de pertencimento, na qual as fronteiras não imobilizam, mas são atravessadas, expressando independência frente aos interesses do Estado-Nação.

Uma característica fundamental para esse sentimento de pertencimento a uma determinada nação é a conservação do idioma de origem. Uma justificativa dada pela imigrante Hartmann (nascida na Alemanha, São Leopoldo-RS) para ainda falar o alemão mesmo depois de 69 anos no Brasil é que como o marido era quem mantinha as relações sociais e a ela cabia o espaço privado, não se preocupou em aprender o idioma do país de acolhida. As funções específicas e o lugar definido para cada um dos sexos dentro de toda essa estrutura social e familiar se tornam os motivos mais relevantes para a conservação do idioma de origem por Hartmann (nascida na Alemanha, São Leopoldo-RS). Para ela, o fato de poder se comunicar, mesmo que restritamente, já era o suficiente para uma mulher de pastor daquela época. Caracterizado pela supremacia do homem, inicialmente na esfera familiar, o patriarcalismo perpassa toda a organização social, da produção e do consumo, à política, à cultura e à legislação, contextualizado histórica e culturalmente, diz Castells

(CASTELLS, 2001, p. 169). Em suma, os problemas envolvendo as relações de gênero estão enraizados na composição das sociedades.

Essa situação é o inverso da que vivem duas outras entrevistadas uma nascida na Itália, que apesar de compreenderem o idioma de origem, sentem dificuldades em usá-lo normalmente e assumiram suas vidas no novo país. A primeira apenas escuta seus irmãos mais velhos e entende tudo, mas não fala em italiano. Ela nem chegou a estudar na Itália e no Brasil estudou muito pouco, diferentemente do povo alemão, que teve aulas no idioma da terra natal de seus/suas ancestrais, a educação foi em português.

“O Getúlio [presidente do Brasil na época da grande nacionalização 1935-45 (LESSER, 1994, p. 129)] proibiu que se falasse outro idioma por causa da guerra. O nono e a nona falavam tudo errado como *aposentoria*, tudo em italiano, mas algumas coisas em português. Eles [os filhos e filhas] não. Eu vejo que eles falam numa gozação, só a mais velha que está com 91 anos que fala melhor, porque os outros que vieram com a idade perto da mãe é só gozação, nome feio e algumas coisas, cantoria.” (Terenti-filha, descendente italiana, Porto Alegre-RS)



Foto 1



Foto 2

Essa conexão com o local de origem é muito presente nas fotos de imigrantes. O objetivo desse tipo de fotografia é mostrar as características sócio-culturais do local de nascimento que ainda preservam, ou apresentar às pessoas do lugar de moradia as peculiaridades de sua terra natal. Na primeira situação, as fotos são feitas no país onde moram e na segunda, no país onde nasceram. No caso da imigração histórica, as fotos antigas são utilizadas para rememoração e reconstrução do passado. Elas auxiliam na reconstituição do cenário histórico no que se refere aos costumes culturais (vestimenta, moradia, expressão e posição das pessoas na foto). São muito usadas nas festas das famílias que se reúnem para comemorar a chegada dos/as antepassados/as ao Brasil (fotos 1 e 2), assim como na construção da árvore genealógica. Na imigração contemporânea, a afirmação da identidade do país de nascimento é o motivo mais pujante. O sentimento de continuar pertencendo ao país de onde emigrou faz com que algumas imigrantes criem uma espécie de cenário ficcional que reúne símbolos de sua cultura, para depois ser enviado às



pessoas que permaneceram no seu lugar de origem, como uma forma de dizer que continuam sendo brasileiras.



Foto 3



Foto 4

As fotografias das imigrantes brasileiras em Barcelona evidenciam nitidamente a importância do Brasil e de suas regiões e, principalmente, do fato de reconhecer como pertencente a essa nação (Fotos de 5 a 10). Nas da imigração histórica, a origem cultural da família ganha força no reencontro nas festas de descendentes de imigrantes, nas quais o exercício de rememoração está presente em todas as celebrações, como nas exposições de fotos em murais de cada família, na música e na vestimenta tradicional do país de origem dos/as descendentes e na troca de experiências e relatos que surgem a partir das fotografias que são disponibilizadas para que as gerações não esqueçam da história de sua origem (Foto 1). Essas festas de famílias são tão importantes para a manutenção da cultura da imigração no RS, que o convite é veiculado pelos meios de comunicação. Além disso, costumam integrar a pauta de notícias ou mesmo uma reportagem sobre imigrantes. Como exemplo, temos a página já citada da Zero Hora, na qual além do convite (com telefone para contato, localização, etc.), é publicada uma foto antiga da família, o mesmo acontece no site www.clicrbs.com.br, da mesma empresa de comunicação, a RBS. As fotos pessoais são muito utilizadas para compor uma matéria, como numa série de reportagens chamada “Chegados”, que foi exibida pelo canal Futura no início desse ano, que rememora a imigração de várias etnias para o Brasil através de relatos e fotografias antigas de imigrantes. Um deles, de nacionalidade espanhola, conta que quando conseguiu voltar para o seu país, para visitar, foi procurar uma festa que acontecia na sua cidade de origem e não encontrou, porque não era mais realizada. Percebeu, então, que tudo estava diferente e seu

lar era no Brasil.



Foto 5



Foto 6



Foto 7

As fotos de Marisa-RS (brasileira em Barcelona) ressaltam o regionalismo e o nacionalismo (Fotos de 5 a 7). Em algumas se nota que as bandeiras do RS e do Brasil têm um grande destaque. Foram realizadas na época da Copa do Mundo de 2006, período no qual o futebol do Brasil está sendo notícia em todo lugar, por isso é necessário mostrar esse orgulho de ser brasileiro/a. Mesmo na comemoração do aniversário de seu namorado no apartamento onde moram em Badalona com amigos/as brasileiros/as, as bandeiras se fazem presente e ganham evidência (Foto 6). Percebemos sua importância porque elas ocupam o mesmo plano ocupado pelo aniversariante na foto que será publicada no seu blog na internet.

Na fotografias 5 e 7, Marisa-RS (brasileira em Barcelona), destacam-se as características regionais. Numa delas, a gaúcha está assistindo um jogo do Barcelona no estádio do clube enrolada com a bandeira do RS (Foto 5). Vale destacar que o principal jogador desse time, considerado o melhor do mundo na época, era o ex-jogador do Grêmio porto-alegrense, o Ronaldinho Gaúcho. Nessa imagem, ela aparece em primeiríssimo plano, para destacar o fato de estar envolvida com a bandeira, e ao fundo o estádio lotado com o



jogo em andamento. Na foto 7 ela está sentada junto a mesa, com flores e folhagens, que permitem criar uma atmosfera mais natural dentro de um apartamento (como se fazia nas fotos antigas). Em uma das mãos segura uma cuia de chimarrão, bebida típica do Estado gaúcho, e na outra a garrafa térmica com as insígnias do time do Grêmio e a bandeira do RS.

A partir dessas imagens pode-se notar que o recorte espacial-territorial não é o responsável pelo espaço e cultura regional, uma vez que ela é construída historicamente enquanto visão social de mundo, segundo Albuquerque (ALBUQUERQUE Jr., 2001, p. 25). Essa construção acontece no cotidiano, na dinâmica das relações sociais, elaboradas e reelaboradas a partir da luta pela conquista de objetivos que perpassam os níveis político, econômico, social e cultural, e incorporam numa relação dialética o nacional, o local e o regional.

Da mesma forma, pode-se dizer ao analisar a imigração histórica. Os/as imigrantes, quando de sua chegada ao RS, formaram verdadeiras comunidades de afirmação de sua etnia, comunidades imaginadas (ANDERSON, 1989, p. 15), pois na verdade acabavam por construir um novo modo de ser alemão/ã, mesclado com as necessidades locais, inclusive com relação ao idioma (no que diz respeito à formação de dialetos que se distingue da língua que é falada na Alemanha). Burke também é cauteloso ao usar o conceito de comunidade, que diz ser ao mesmo tempo útil e problemático, pois é um modelo de identidade de um grupo construído em relação ou em comparação a outro (BURKE, 2002, p. 85).

Como se pode observar nas fotos da imigrante italiana Terenti (nascida na Itália, Porto Alegre-RS), a construção de um sentimento de pertencimento a uma nação também é valorizado por seus/suas descendentes (Fotos 1 e 2). As imagens mostram a festa da família na qual se reuniram os/as seus/suas familiares para rememorar a saída da Itália e manter unidos os laços e culturas trazidos do seu local de origem. Nota-se que nessas fotografias aparecem pessoas com a indumentária típica da imigração italiana. Essa vestimenta é feita com base na memória da imigração recontada pelos/as descendentes, mas, principalmente, pelas imagens presentes nas fotografias antigas ressignificadas no contexto atual.

Neste sentido, é pouco provável falar de uma identidade unificada no mundo atual, sendo que os povos se formam por processos socioculturais hibridizados. Talvez o fundamento dessa tentativa possa ser encontrado nos processos midiáticos, já que a mídia se esforça em estabelecer vínculos entre as práticas de recepção midiática, as identidades culturais e a expressão de cidadania. Souza define isto como práticas de pertencimento público (SOUZA, 1999, p. 15), como no caso da Rede Globo e o orgulho de ser brasileiro (sujeito masculino), retratado principalmente nos jogos olímpicos ou da copa do mundo,



como se está presenciando atualmente. Fora de seu local de origem, a inserção do indivíduo dentro dos processos de cidadania se materializa através da visibilidade de comunidades imaginadas de pertencimento proporcionada pela intervenção da esfera midiática.

Nessa narrativa, entende-se que o que permite a troca entre as identidades são os processos de sociabilidade, na qual o ser humano realiza a sua identidade e toma consciência da do outro. Cada pessoa adquire conhecimento enquanto ser individual e enquanto ser coletivo. A experiência cultural rege a vida de cada indivíduo. Martín-Barbero já definia a cultura como a grande mediadora de todo processo de produção comunicativa, que sempre acontece dentro de uma determinada cultura, ou seja, essa experiência cultural ocorre em um processo circular (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 17).

A fotografia permite conhecer o universo simbólico-cultural que orienta as interações sociais permitindo uma ruptura territorial com a continuidade do vínculo identitário através da conservação dos saberes individuais e coletivos, que transmitidos aos outros povos possibilitam um aumento considerável da experiência humana. Dessa forma, compreendemos o que Halbwachs afirma quando fala que não é na história aprendida, mas sim na história vivida que nossa memória se apóia (HALBWACHS, 1990, p. 60) e quando Thompson diz que recordar a própria vida é um fato fundamental para nosso sentimento de identidade (THOMPSON, 1992, p. 208).

A memória coletiva está em constante interação com as memórias individuais (HALBWACHS, 1990, p. 51), já que esta não se esgota nas subjetividades. As questões culturais possuem uma importância fundamental na manutenção de valores identitários transmitidos de geração em geração. As construções identitárias, portanto, estão ligadas a esse processo permanente de uso, apropriação e ressignificação de sentido das coisas que integram o mundo da vida. Mundo marcado por relações assimétricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife/São Paulo: FJN – Massangana/Contexto, 2001.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Rio de Janeiro : Ática, 1989.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 8.ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1997.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte : UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Um analista do inconsciente* (prefácio). In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração : ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo : Edusp, 1998, p. 11-12.



BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo : UNESP, 2002.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. V. 2 (A era da informação: economia sociedade e cultura). São Paulo : Paz e Terra, 2001.

COGO, Denise. *Mídia, imigração e interculturalidade* : mapeando as estratégias de midiaticização dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2002. Salvador : Intercom, 2002.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Estética e imagem fotográfica*. Casa de las Américas, Havana, v. 149, p. 7-14, 1985.

GERTZ, René E. *A construção de uma nova cidadania*. In: MAUCH, Claudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). *Alemães no Sul do Brasil*. Canoas, ed. ULBRA, 1994, p.29-40.

GRIMSON, Alejandro. *Resguardar nuestra incerteza acerca de la incertidumbre* : debates acerca de la interculturalidad y la comunicación. Diálogos de la comunicación, Lima n. 75, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.dialogosfelafacs.net/75/articulo_resultado.php?v_idcodigo=39&v_idclase=7>. Acesso em: 15 jan. 2008.

HAESBAERT, Rogério. *Fim dos territórios ou novas territorialidades?* In: LOPES, Luiz Paulo da Moita e BASTOS, Liliana Cabral (org.). Identidades : recortes multi e interdisciplinares. Campinas : Mercado das Letras, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3.ed. Rio de Janeiro : DP&A, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. *A invenção da tradição*. In: _____; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

LESSER, J. *Imigração e mutações conceituais da identidade nacional, no Brasil, durante a Era Vargas*. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1994, vol. 28, pp. 121-150.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações* : comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro : UFRJ, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração* : ou os paradoxos da alteridade. São Paulo : Edusp, 1998.

SILVA, Denise T. da. *Fotografias que revelam imagens da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias*. Tese de doutorado (2008). PPG Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

SIMMEL, Georg. *O estrangeiro*. In: MORAES FILHO, Evaristo de. Georg Simmel : Sociologia. São Paulo : Ática, 1983. p. 182-188.

SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. São Paulo : Cia. das letras, 2004.

SOUZA, Mauro Wilton de. *Práticas de recepção mediática como práticas de pertencimento público*. In: Novos Olhares. São Paulo v.1, n.3, p. 12-30, 1999.